

ANÁLISE DA TAXA DE ROTATIVIDADE DE MÃO DE OBRA NO MUNICÍPIO DE CARNAUBAIS/RN NO PERÍODO DE 2000 A 2017

**Raniely Souza dos Santos¹, José Antônio Nunes de Souza², Francisco Danilo da Silva
Ferreira³**

¹Graduada em Economia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: ranileysouza63@gmail.com

² Prof. Me. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: joseantonio@uern.br

³ Prof. Me. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: ffdaniiloferreira@gmail.com

Artigo recebido 12/07/2019 e aceito em 02/12/2019

Resumo

O artigo analisa a taxa de rotatividade da mão de obra do município de Carnaubais/RN no período de 2000 a 2017, considerando os principais aspectos da economia municipal e sua inserção no contexto econômico regional. O trabalho explora a trajetória do emprego no Brasil desde a década de 1990 apresentando algumas evidências da taxa de rotatividade da mão de obra nos anos mais recentes, ao mesmo tempo em que apresenta questões mais conceituais acerca do processo de rotatividade no mercado de trabalho. A metodologia utilizada foi à estimação da taxa de rotatividade utilizando como parâmetro o fluxo de entrada e saída de trabalhadores no município de Carnaubais dentro do período de estudo. Os resultados da pesquisa evidenciaram que um aumento da taxa de rotatividade da mão de obra geral do município de Carnaubais/RN dentro do período de análise. Esse comportamento da taxa de rotatividade pode ter sido resultado das oscilações do produto interno bruto municipal, sobretudo nos anos mais recentes. Outra evidência da pesquisa foi o padrão similar das taxas de rotatividade da mão de obra verificada entre homens e mulheres, embora os homens estejam inseridos em atividades com maior grau de rotatividade que as mulheres, o que pode ser evidenciado pelo próprio padrão econômico do município de Carnaubais dentro da série temporal analisada.

Palavras chave: Economia. Emprego. Taxa de rotatividade.

ANALYSIS OF THE ROTATIVITY RATE OF EMPLOYMENT IN THE MUNICIPALITY OF CARNAUBAIS / RN IN THE PERIOD FROM 2000 TO 2017

Abstract

The article analyzes the turnover rate of the municipality of Carnaubais / RN from 2000 to 2017, considering the main aspects of the municipality economy and its insertion in the regional economic context. The paper explores the trajectory of employment in Brazil since the 1990s, presenting some evidence of labor turnover rate in recent years, while presenting more conceptual questions about the labor market turnover process. The methodology used was the estimation of the turnover rate using as parameters the inflow and outflow of workers in the municipality of Carnaubais within the study period. The results of the research showed that an increase in the turnover rate of the general workforce of the municipality of Carnaubais/RN within the analysis period. This turnover behavior may have been the result of fluctuations in municipal gross domestic product, especially in recent years. Another evidence of the research was the similar pattern of labor turnover rates observed between men and women, although men are engaged in activities with higher turnover than women, which can be evidenced by the economic pattern of the municipality of Carnaubais within the time series analyzed.

Keywords: Economy, Employment, turnover rate.

ANÁLISIS DE LA TASA DE ROTACIÓN DEL TRABAJO EN EL MUNICIPIO DE CARNAUBAIS / RN EN EL PERÍODO 2000 A 2017

Resumen

El artículo analiza la tasa de rotación del municipio de Carnaubais / RN de 2000 a 2017, considerando los principales aspectos de la economía del municipio y su inserción en el contexto económico regional. El documento explora la trayectoria del empleo en Brasil desde la década de 1990, presentando algunas pruebas de la tasa de rotación laboral en los últimos años, al tiempo que presenta preguntas más conceptuales sobre el proceso de rotación del mercado laboral. La metodología utilizada fue la estimación de la tasa de rotación utilizando como parámetros la entrada y salida de trabajadores en el municipio de Carnaubais dentro del período de estudio. Los resultados de la investigación mostraron que un aumento en la tasa de rotación de la fuerza laboral general del municipio de Carnaubais/RN dentro del período de análisis. Este comportamiento de rotación puede haber sido el resultado de fluctuaciones en el producto interno bruto municipal, especialmente en los últimos años. Otra evidencia de la investigación fue el patrón similar de las tasas de rotación laboral observadas entre hombres y mujeres, aunque los hombres se dedican a actividades con mayor rotación que las mujeres, lo que puede evidenciarse por el patrón económico del municipio de Carnaubais dentro de las series de tiempo analizadas.

Palabras clave: Economía. Empleo. Tasa de rotación.

INTRODUÇÃO

Recentemente as mudanças ocorridas nas variáveis macroeconômicas da economia brasileira influenciaram de forma significativa o mercado de trabalho. As estatísticas dos órgãos oficiais registraram nos últimos anos forte queda da atividade econômica em boa parte dos setores produtivos, no entanto os dados mais recentes referentes a atividade econômica já apresentam sinais de melhora, ainda que tímida em termos de crescimento agregado.

Todas essas oscilações dentro da esfera produtiva têm como efeito mudanças na estrutura do mercado de trabalho, sobretudo, no que tange a rotatividade do emprego. De forma geral pode-se entender o fenômeno da rotatividade do emprego como um fluxo de entradas (admissões) e desligamentos (demissões). Existem diversos fatores que podem influenciar a rotatividade do emprego, sobretudo as oscilações econômicas, políticas governamentais, acordos sindicais, etc.

De modo geral, as discussões acerca da rotatividade do emprego se inserem dentro de um contexto ligado a flexibilidade das relações de trabalho e das condições de emprego, principalmente as variações salariais (RAMOS; CARNEIRO, 2002).

Sob o ponto de vista de flexibilidade das relações trabalhistas, pode-se considerar neste aspecto a relação contratual. Segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2017), a taxa de rotatividade do emprego sofre grande influência dos tipos de vinculação contratual, segundo a citada publicação os contratos regidos pela CLT (Consolidação das Leis do trabalho) possuem maior rotatividade que os do setor formal.

No Brasil a rotatividade do emprego tem se mantido elevada nos últimos anos. Segundo Corseuil et al (2013), as taxas de contratação e separação dentro do período de 1996-2010 se mantiveram acima do padrão histórico verificado em períodos anteriores.

Ultimamente o cenário de recessão econômica tem colocado a questão do desemprego e da rotatividade do emprego como pautas importantes nas discussões econômicas. Isto porque o mercado de trabalho pode ser considerado um importante indicador da atividade econômica do país. Da mesma forma o fenômeno da rotatividade do emprego é verificado a nível regional e local e depende além dos fatores já mencionados, da dinâmica econômica de cada localidade.

E neste sentido, o objetivo geral é estimar a taxa de rotatividade do emprego no município de Carnaubais no período 2000/2017. Parte-se da hipótese de que a taxa de rotatividade do emprego é baixa dado o reduzido dinamismo econômico do município.

Este estudo se justifica pela necessidade de estudos que possam avaliar o comportamento do fluxo de emprego no município em questão, e que poderá ser considerada na formulação de políticas direcionadas a geração de empregos na região.

TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO RECENTE NO BRASIL

O cenário macroeconômico brasileiro sofreu grandes mudanças no período 1980/2000. De acordo com Pauli *et all* (2012), ao longo desse tempo a sucessão de planos de combate ao cenário inflacionário, abertura econômica, mudanças em regimes cambiais e condução de políticas econômicas, causaram significativas mudanças no mercado de trabalho nacional.

O Brasil, ao longo da década de 1990, teve seu mercado de trabalho marcado por grandes taxas de desemprego, afirma Dedeca (2005). Para o autor este fato decorre da política econômica adotada no início da década que dentro da ideia de abertura economia e eficiência da indústria brasileira acabaram por gerar queda da atividade produtiva, e queda do emprego.

As mudanças estruturais ocorridas ao longo dos anos 1990 segundo Neri, Camargo e Reis (2000) geraram efeitos significativos sobre o ritmo e a formação da economia, no qual entre 1990 e 1992, o país sofreu uma dura recessão, com a diminuição dos níveis de atividade e elevação da taxa de desemprego, foi a partir de 1993 mais fortemente, de uma estabilização em junho de 1994 onde esse procedimento foi revertido com o crescimento da economia até 1997, porém logo após em 1998 com a chegada da crise asiática e da crise financeira internacional houve uma suspensão no crescimento econômico do país.

Neste período a reestruturação do mercado de trabalho brasileiro, conforme mostra Pochmann (2010), se torna mais clara, sobretudo, em termos da perda de postos de trabalho caracterizados pelos vínculos formais, e o aumento da informalidade no mercado de trabalho brasileiro.

Segundo Passos, Ansiliero e Paiva (2005) o crescimento da informalidade que se perpetuou durante os anos 1990 estava diretamente ligado à diminuição da ação da indústria no total de trabalhadores ao passo que esta é decorrente dos impactos da abertura comercial e do regime cambial em vigor, e à elevação da participação eventual do setor de serviços, este último justificado através do processo de terceirização aplicado pela indústria na busca pela redução de sua estrutura.

De acordo com Baltar (2015), verificou-se um aumento no surgimento de pequenas empresas, seguido da evasão de impostos com regularidade e contribuições sociais, crescendo juntamente a ocorrência de empregos sem carteira assinada. Para o autor os efeitos da

informalização das empresas e dos contratos de trabalho com relação à arrecadação de impostos e contribuições sociais diluíram-se em um seguimento mais amplo, de intensas elevações da dívida pública, que se transcorreu no decorrer da década de 1990.

Conforme argumenta Chahad (2003) uma das grandes mudanças dentro da estrutura do mercado de trabalho brasileiro durante a década de 1990, foi o surgimento de novas formas de relações de trabalho, marcadas por formas bem anormais de contratos de trabalho, tal fato contribuiu de forma expressiva para a flexibilização das relações trabalhistas.

O referido autor ainda aponta algumas das principais tendências apresentadas pelo mercado de trabalho brasileiro neste período: *crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) dada o crescimento demográfico; crescimento devagar do nível de ocupação total; queda das ocupações do setor industrial dados os efeitos da abertura comercial; crescimento das ocupações ligadas ao setor de serviços; paralisação do crescimento de empregos com carteira assinada e uma demanda crescente pela flexibilização das relações de trabalho.

Conforme Baltar (2015), foi na década de 1990 que cresceram especialmente o trabalho por conta própria (autônomos) e o emprego sem carteira assinada, os grandes estabelecimentos que realizavam somente empregos formais, tiveram de reduzir o quadro de funcionários em aproximadamente um terço, devido a uma queda no total de linhas de produção.

O referido autor afirma, ainda, que estas empresas optaram por aumentar a importação de parcela dos seus produtos, passando a fazer maior uso de serviços de terceiros para cumprir tarefas antes realizadas por empregados.

Adiante Passos, Ansiliero e Paiva (2005) vão dizer que as conjecturas positivas acerca do desempenho da economia brasileira, que indicam uma gradativa recuperação da atividade econômica, discursões que ocorridas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 revelaram a preocupação de que o crescimento do produto poderia não ser acompanhado proporcionalmente pela geração de emprego formal no país.

Conforme Baltar (2015), a partir de 1996 houve uma simplificação na formalização dos pequenos negócios bem como se reduziu os encargos com o auxílio do Sistema Integrado de Impostos e Contribuições Sociais das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Simples), a eficiência desse estímulo é muito melhor quando há uma fiscalização com maior intransigência acerca do cumprimento das normas.

Ainda segundo o autor o próprio crescimento da economia entre os anos 2004-2008 levou a formalização dos negócios, pois apenas as empresas formalizadas possuem acesso ao sistema de crédito e às compras do governo, as quais crescem com a economia, ademais a reintegração do crescimento proporciona as grandes empresas a restituírem o quadro de pessoal ocupado.

A partir dos anos 2000, Summa (2014) argumenta que quando se avalia a situação do mercado de trabalho pelo desemprego, observa-se uma melhoria a partir do ano 2000. Isto porque a taxa de desemprego a partir de 2003 segue uma trajetória de queda até o ano de 2013. Assim o autor aponta que esse dado indica uma melhoria conjuntural e estrutural do mercado de trabalho brasileiro neste período.

De acordo com o DIEESE (2016) o mercado de trabalho brasileiro mostrou expressiva atividade na geração de empregos formais ao longo dos primeiros anos da década passada, segundo os dados da RAIS entre 2002 e 2004, 20 milhões de empregos formais foram criados, significando uma média de 1,8 milhão de postos de trabalho por ano.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (RAMOS *et al*, IPEA, 2007) os dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), o período de 2001 até 2006, excluindo-se o ano de 2003, a quantidade de pessoas ocupadas tem crescido de forma superior a População em Idade Ativa (PIA), disso se infere que no período de 2001 a 2006, a geração de postos de trabalho foi mais do que necessária para absorver o contingente de crescimento da população.

Dessa forma, esse crescimento da ocupação a taxas maiores que a PIA, implica numa redução do nível de desemprego, ao mesmo passo que indica que uma quantidade crescente de integrantes da PEA (População Economicamente Ativa) no Brasil tem se inserido no mercado de trabalho seja formal ou informalmente.

Segundo a análise das contas nacionais para o período de 2002 a 2006, a expansão econômica verificada em 2006, gerou um crescimento de 2,6% no número de ocupações no mercado de trabalho brasileiro, totalizando 93,2 milhões de postos de trabalho. O aumento na criação de novos postos de trabalho foi resultado da expansão em serviços, atividade de maior peso sobre a absorção de empregos, que cresceu 5,4%. Considerando as categorias de ocupações, o maior crescimento foi verificado nos postos formais representando 5,6%. Já as ocupações sem carteira de trabalho assinada tiveram variação de 1,9%, e os trabalhadores autônomos¹ apresentaram variação negativa de 0,5%.

O aumento das ocupações formais, como observado em 2003, ultrapassou o das demais ocupações, implicando numa contínua melhora da estrutura do mercado de trabalho brasileiro sendo que o rendimento apresentado em 2006 por ocupação superou o apresentado no ano anterior.

Segundo o DIEESE (2017), o Brasil experimentou pouco mais de uma década de crescimento econômico após o ano de 2003, onde como consequência deste o mercado de trabalho aumentou consideravelmente atingindo cerca de 50 milhões de postos de trabalho formais segundo o estoque da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) em 2014.

Conforme Baltar (2015) o estoque de contratos de trabalho formalizados tem aumentado em equilíbrio ao número de pessoas ocupadas, alcançando 45% em 2004 e 48% em 2008. Presentemente, este número deve se aproximar a 50%, no entanto ainda distante de 55% examinado antes da crise da dívida externa.

Em termos da taxa de ocupação, segundo Lucio e Duca (2016), os dados da pesquisa mensal de emprego PME/IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostraram que a ocupação segue uma trajetória de crescimento do ano de 2002 até meados de 2010. No período compreendido entre 2011-2014 esse indicador apresentou relativa estabilidade, passando a se

¹ Consideram-se, nesta categoria, os empregadores de unidades informais, os trabalhadores por conta própria, e os não-remunerados.

deteriorar a partir de 2014. Esse resultado nos últimos anos analisados pode se dar pela recessão econômica recente da economia brasileira.

ROTATIVIDADE NO EMPREGO: ASPECTOS CONCEITUAIS

A rotatividade do emprego é uma das variáveis mais analisadas em termos da dinâmica do mercado de trabalho. A classe indicadora ligada à rotatividade da mão de obra é um termômetro importante do funcionamento do mercado de trabalho, sendo utilizado por órgãos como o IBGE, DIEESE, etc. para avaliar o fluxo de entrada e saída do mercado de trabalho.

De forma geral, o conceito de rotatividade da mão de obra diz respeito ao movimento simultâneo de entrada e saída de empregados da firma. Muito embora, tal conceito possua divergências metodológicas em termos de mensuração, Orellano e Pazello (2006) onde os mesmos admitem que o índice de rotatividade mensurado se refere ao fluxo de entrada e saída de trabalhadores das firmas, na medida em que estas mantem sua força de trabalho, conceito que na visão dos autores poderia ser utilizado para o conjunto da economia. Assim, segundo os referidos autores, o indicador de rotatividade seria o mínimo entre o total de admissões e o total de desligamentos em determinado período, dividido pela média de empregados nesse período.

Para o DIEESE (2017), a rotatividade nada mais é do que um movimento recorrente da substituição de parte da força de trabalho usada em cada ciclo produtivo anual, por meio de demissões e admissões de trabalhadores realizadas pelo conjunto das unidades produtivas do país, ou seja, esse fenômeno nada mais é que a troca de funcionários das empresas onde, de acordo com as mudanças na economia e com as suas necessidades tente a demitir ou contratar mão de obra.

Nesse sentido, de acordo com Gonzaga e Pinto (2014), o decorrer dos últimos anos, foi possível observar que o mercado de trabalho brasileiro é caracterizado por um alto nível de substituição de mão de obra.

Ainda, de acordo com os autores essa substituição de trabalhadores tal como a formação e destruição de postos de trabalho é, porém, saudável para uma economia, a fim de uma melhor busca por aplicações mais eficazes de capital para economia. Os autores também vão dizer que algumas flexibilidades na destinação de uma economia que remete a mudanças em sua estrutura são, porém, necessário, pois transfere o pessoal atingido desfavoravelmente por esses choques estruturais, para setores atingidos positivamente.

Nesse sentido, Gonzaga e Pinto (2014) afirmam que os fluxos de mercado de trabalho levam a uma função assertiva quanto à alocação, onde por meio da destruição e construção de postos de trabalho uma economia pode migrar para uma operação onde desempenha um papel mais produtivo.

Em alguns casos, a competitividade entre as empresas, se entregue às forças de mercado, pode provocar um nível de rotatividade de mão de obra elevado. A ocorrência de tal fenômeno, mediante a oferta de trabalho em melhores condições de uma empresa para outra, pode ser bom para o trabalhador; todavia um índice de rotatividade de mão de obra entre empresas pode acarretar perda de produtividade, além de deixá-la em condições conflitantes quanto à decisão investir no capital humano, contribuindo para precarizar as condições do trabalho ainda mais (SILVA FILHO, 2018).

Em pesquisa acerca da rotatividade no mercado de trabalho brasileiro, Gonzaga (1998) explica que um indicador bastante utilizado na mensuração da rotatividade é relacionado ao tempo de serviço nas firmas, ou seja, quanto tempo os trabalhadores estão na condição de empregado, considerando nesse caso trabalhadores com menos de dois anos na mesma empresa.

Nesse estudo, admite a taxa de rotatividade da mão de obra tal como definido em Silva e Santos (2013), a saber, o movimento de entrada e saída da força de trabalho, tendo considerada nessa mensuração tanto as admissões quanto demissões.

Nesse seguimento, segundo Gonzaga e Pinto (2014), foi na década de 1990 que parte da literatura econômica brasileira chegou a investigação de que a taxa de rotatividade parecia abundante, na perspectiva de que o processo de elevação da produtividade do trabalho reduzia o bem-estar social.

Um aspecto relevante sobre a rotatividade no mercado de trabalho brasileiro segundo Gonzaga e Pinto (2014), é a grandiosidade dos fluxos migratórios dos trabalhadores entre postos de trabalho que em geral vão passando por períodos de desemprego, informalidade e saídas da força de trabalho.

ROTATIVIDADE NO BRASIL: EVIDÊNCIAS RECENTES

Segundo DIEESE (2016), ao que diz respeito à dinâmica do mercado de trabalho do Brasil em relação à geração de empregos existe, portanto, outra dinâmica notável, em 2014 o mercado de trabalho inseriu em torno de 620 mil empregos em relação ao ano anterior, movimentando cerca de 28 milhões de vínculos, esse fato mostra que o mercado de trabalho age continuamente com admissões e desligamentos de trabalho.

O mercado de trabalho formal brasileiro é composto por contratações celetistas e estatutárias de acordo com DIEESE (2016), onde finalizou o ano de 2014 com um estoque de 49,6 milhões de empregos, em comparação a 2002 foram criados mais de 20 milhões de empregos, acréscimo médio de 1,8 milhões de postos.

Vale ressaltar que, anualmente partes desses contratos de trabalho foram decorrentes de atividades anteriores ao ano de referência em análise, o estudo também aponta que em 2014 dos 49,6 milhões de vínculos ativos, 33,3 milhões haviam sido celebrados em 2013 ou anteriormente, logo, 16,2 milhões foram celebrados durante 2014, assim sendo, do total de empregos formais gerados ao final de 2014 cerca de um terço não terminava ao menos um ano de duração (DIEESE, 2016).

Igualmente uma porção dos desligamentos desse ano também ocorreu proveniente de atividades anteriores onde haviam sido reputadas naquele ano, segundo DIEESE (2016), dados extraídos da RAIS mostraram que dos 26,5 milhões de desligamentos haviam sido celebradas em atividades anteriores.

O estudo acerca do desemprego e da flexibilidade tem trazido uma série de discursões ao longo dos tempos, na medida em que surgem diversas possíveis hipóteses responsáveis por esses fenômenos, alguns economistas têm tido dificuldades para se chegar a conclusões plausíveis acerca das possíveis causas do desemprego na economia (SILVA FILHO, 2018).

No momento em que se estuda o fluxo dos vínculos no mercado de trabalho formal brasileiro, é preciso analisar o desempenho do seguimento celetista, conforme DIEESE (2016) é por meio deste que se executa a maior movimentação de contratações de trabalho, especialmente através de decisões patronais de empresas privadas.

O processo celetista é o que está submetido á flexibilidade contratual, que caracteriza o mercado de trabalho brasileiro. De acordo com o DIEESE (2016), o seguimento celetista é responsável por mais de 80% do mercado de trabalho formal brasileiro, em 2014 foram registrados um total de 65,8 milhões de vínculos de emprego, em que 40,6 milhões permaneciam ativos até o final do ano montando o banco de dados final da Rais daquele ano.

O incentivo do emprego celetista tem sido mais enfático do que o do total do mercado de trabalho (incluindo os estatutários) segundo a análise do DIEESE (2016), onde os empregos avaliados em 31/12 no mercado celetista foi 81,7% superior em 2014, em comparação a 2002 que foi de 72,8% do total de mercado de trabalho.

De acordo com o DIEESE (2016), é possível observar o acréscimo da movimentação de contratação no período analisado, com as admissões crescendo 101,2% no período e os desligamentos, 115,1%, onde no desfecho da série analisada o crescimento dos desligamentos tem se dado de forma mais elevada do que as admissões.

METODOLOGIA

Fonte e tratamento dos dados

Para obter os valores da taxa de rotatividade do emprego no município de Carnaubais/RN foram utilizadas variáveis ligadas ao saldo de admissões e desligamentos no mercado de trabalho formal do município, extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) abrangendo o período de 2000 a 2017.

Taxa de rotatividade

Conceitualmente, a taxa de rotatividade pode ser entendida como a substituição do trabalhador em posto de trabalho específico. Nesse caso é utilizado a taxa de rotatividade do DIEESE, conforme explicitado abaixo:

$$\text{Taxa de rotatividade} = \frac{\min(\text{admitidos}, \text{desligados})}{\text{estoque}_{t, t-1}}$$

Onde:

Admitidos: refere-se ao número de trabalhadores admitidos;

Desligados: refere-se ao número de trabalhadores desligados;

“t”: período atual;

“t- 1”: período anterior

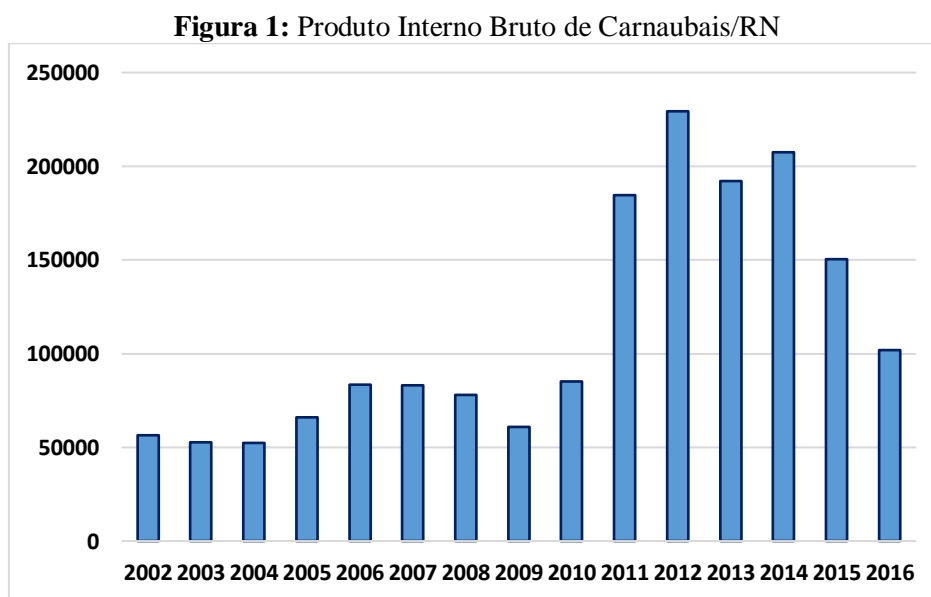
Delimitação da pesquisa

A pesquisa compreende o município de Carnaubais/RN, no período de 2000 a 2017. Atualmente o município encontra-se com uma população de 9.763 habitantes segundo o último censo do IBGE, porém com uma população estimada de 10,651 habitantes. A localidade possui uma área territorial de 517,737 km², seu PIB per capita é de R\$ 9.606,25 com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,589.

A ROTATIVIDADE DO EMPREGO NO MUNICÍPIO DE CARNAUBAIS

Esta seção tem como objetivo discutir a rotatividade no município de Carnaubais/RN. Inicialmente será feita uma breve caracterização do município em termos do seu perfil econômico e em seguida do seu mercado de trabalho.

O primeiro ponto a ser observado dentro do perfil econômico do município é a composição e a trajetória de sua produção. A figura 1 mostra a trajetória do PIB do município. Os dados permitem inferir que houve um crescimento significativo do PIB a partir do ano de 2010, quando comparados aos anos anteriores.



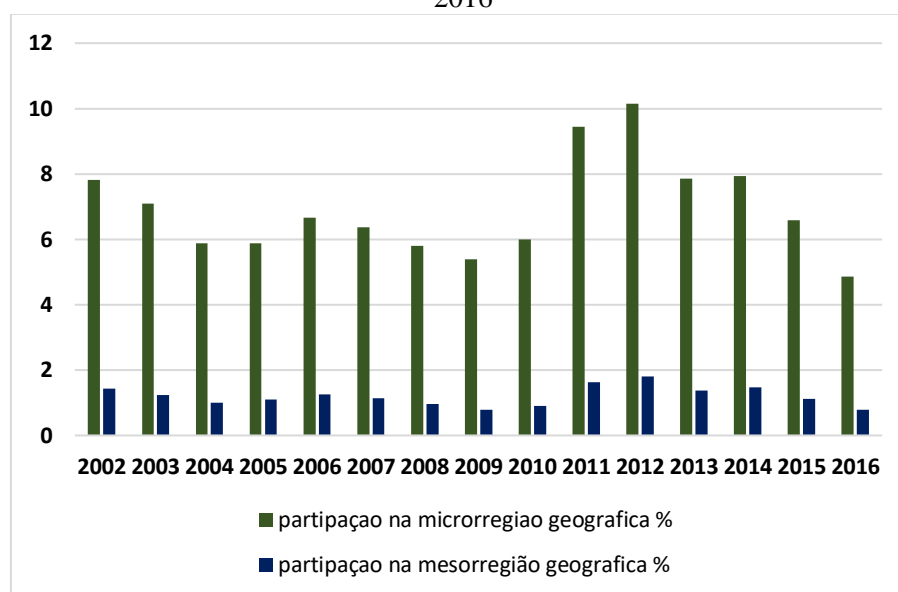
Fonte: IBGE/SIDRA (2019)

A economia do município tem como base o extrativismo (com ênfase na produção da carnaúba e seus derivados), agricultura familiar, piscicultura, indústria, cultura, serviços e petróleo. Assim, o crescimento mais elevado do PIB do município, sobretudo a partir de 2010, pode ser o resultado da ampliação do valor agregado bruto da produção agropecuária (IBGE,2018).

Outro ponto é a agroindústria baseada na produção de frutas tropicais, que dada a demanda de exportação das mesmas, pode ter ampliado a produção agrícola municipal, o que elevou sua produção. Finalmente o setor de comércio e serviços também se apresenta relevante no município empregando boa parte da mão de obra.

Os dados apresentados na figura 2 mostram a participação percentual do PIB de Carnaubais/RN na micro e mesorregião. As informações permitem inferir que em termos da microrregião a média da participação tem se mantido em aproximadamente 7%, com destaque para o ano de 2012 onde o município alcançou 10% de participação. Já no que tange a mesorregião, a participação é pouco expressiva com media abaixo de 2% durante o período analisado. Cabe frisar que o município possui uma economia menos dinâmica que alguns municípios da região tais, como Assú, Alto do Rodrigues, por exemplo, o que poderia explicar sua baixa participação em termos de produção.

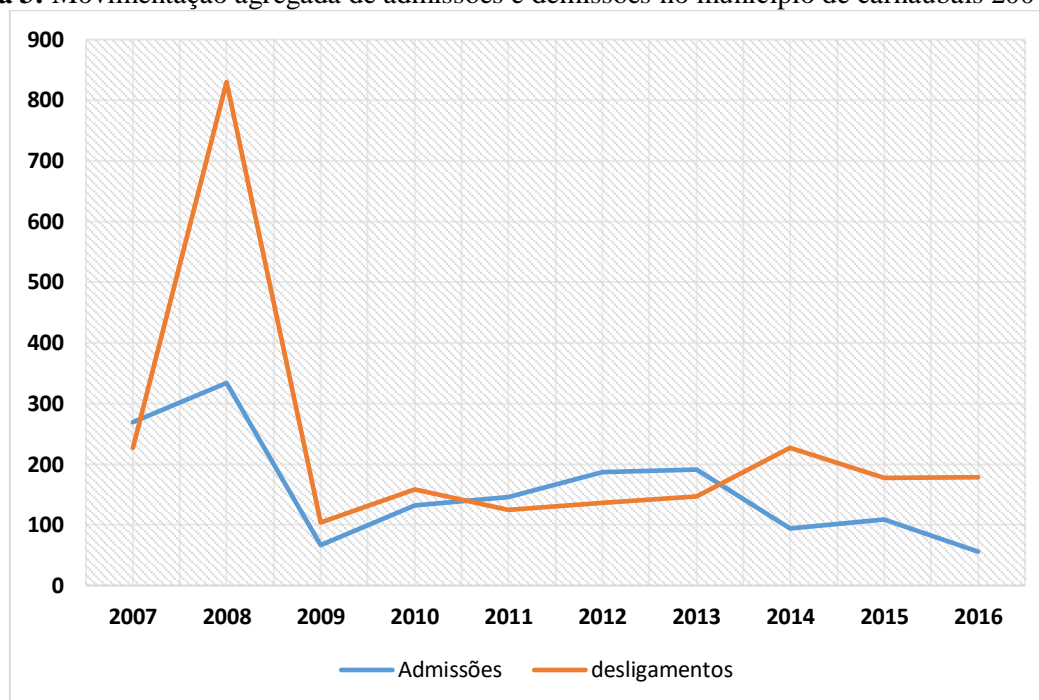
Figura 2: Participação do PIB de Carnaubais na microrregião e na mesorregião geográfica (%) 2002 a 2016



Fonte: IBGE/SIDRA (2019)

A partir das observações acerca do perfil econômico do município de Carnaubais pode-se observar o comportamento da rotatividade do emprego no município dentro do período estipulado. A figura 3 apresenta inicialmente a movimentação agregada de admitidos e desligados no período de 2007 a 2016. Os dados permitem inferir que desconsiderando o ano de 2008, os demais anos da série analisada apresentam uma movimentação mais estável. Esse fenômeno pode ser o resultado das próprias características econômicas do município em termos do baixo número de empresas, e a presença do setor público, que fazem com que a diferença entre admitidos e desligados não seja tão expressiva.

Figura 3: Movimentação agregada de admissões e demissões no município de Carnaubais 2007 a 2016



Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da RAIS (2019)

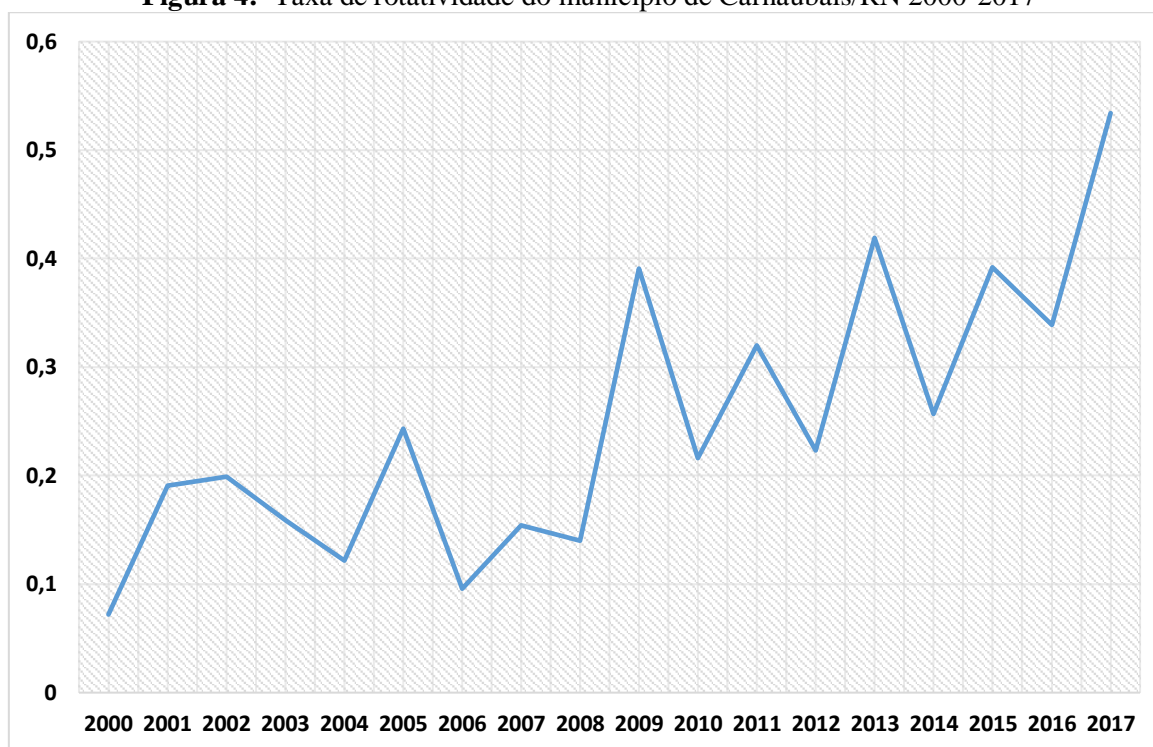
Dado esse panorama, faz-se a seguir uma análise da rotatividade do emprego no município de Carnaubais. Neste ponto cabe frisar que a construção do indicador de rotatividade levou em consideração inicialmente o total de empregados no município, e em seguida fez-se uma classificação entre a rotatividade masculina e feminina, a fim de se verificar qual o comportamento desse indicador em cada caso.

Os dados apresentados na figura 4 mostram a taxa de rotatividade total do município de Carnaubais/RN. Inicialmente observa-se que até meados do ano de 2008 a taxa se mantém num patamar mais baixo. Isto pode ser o resultado do movimento do PIB municipal que até meados do mesmo ano apresentava taxas mais baixas de crescimento. A partir dos anos seguintes (2009) o PIB municipal cresce significativamente em relação aos anos anteriores, mas apresentou uma tendência de queda nos últimos 3 anos da série, e, tal fenômeno pode ser um fator importante a considerar na elevação das taxas de rotatividade no município a partir de 2009.

Conforme os dados apresentados na figura 4, no qual é apresentada a taxa de rotatividade geral de mão de obra do município de Carnaubais durante os anos 2000 a 2017, é possível observar que a localidade apresenta uma taxa de rotatividade relativamente baixa, em que sofreu variações frequentes ao longo dos anos, desde seu menor índice no ano de 2000 ficando abaixo de 1% indicando que nessa época quase não havia fluxos de troca de mão de obra nas empresas da cidade. Até seu maior índice sucedido no ano de 2017 chegando a mais de 5%, indicando que o fluxo de mão de obra apresentava-se maior.

Um fato distinto da realidade brasileira, onde há grande movimentação nos fluxos de mão de obra, como citado em sessões anteriores do presente estudo Gonzaga e Pinto (2014) afirmam que, o Brasil apresenta altas taxas de substituição de mão de obra.

Figura 4: Taxa de rotatividade do município de Carnaubais/RN 2000-2017



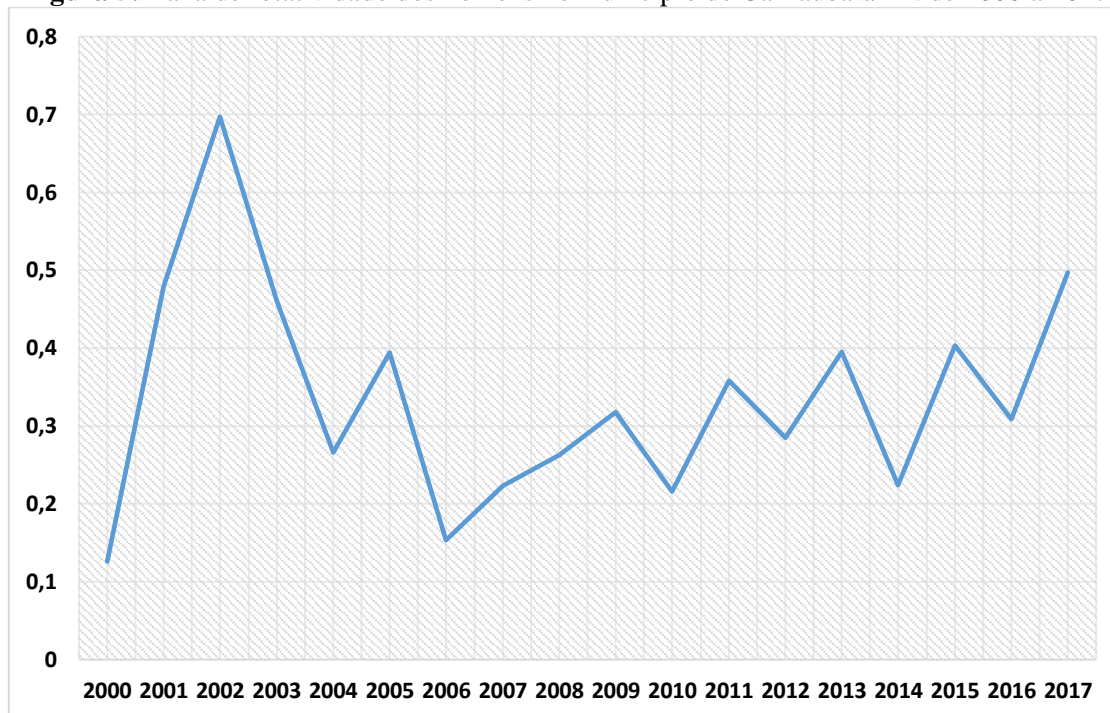
Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados da RAIS (2019)

Em termos da trajetória da taxa de rotatividade masculina para o mesmo período, os dados da figura 5 mostram a trajetória desse indicador. Nesse caso, de acordo com os resultados expostos no gráfico 05, é possível observar um crescimento bastante significativo no ano de 2002, chegando a uma taxa de 0,7%, seguido de um declínio ao longo do tempo analisado, em que chegou em torno de 0,2% no ano de 2006, retomando o crescimento a partir de 2007, e segue com oscilações durante os anos seguintes, apresentando no ano de 2017 uma taxa de 0,5%.

No caso da mão de obra masculina, cabe frisar que a mesma está inserida em ocupações mais ligadas aos setores da indústria, construção civil, agropecuária e comércio. Tais ocupações por natureza apresentam alta rotatividade tendo em vista que estão mais propensas a desligamentos no mercado de trabalho formal.

Tem-se que após forte oscilação entre 2000 e 2006 a taxa de rotatividade ainda mantém uma oscilação significativa ao longo dos demais anos. Verifica-se uma forte oscilação na rotatividade da mão de obra masculina, que a partir de 2010 volta a apresentar uma tendência de crescimento dentro do mesmo padrão da taxa a nível municipal. De fato, conforme boa parte das pesquisas apontam, como por exemplo, DIEESE (2016), a taxa de rotatividade entre os homens tende a ser elevada, fenômeno que pode ser explicado pelas razões já enfatizadas anteriormente.

Figura 5: Taxa de rotatividade dos homens no município de Carnaubais/RN de 2000 a 2017



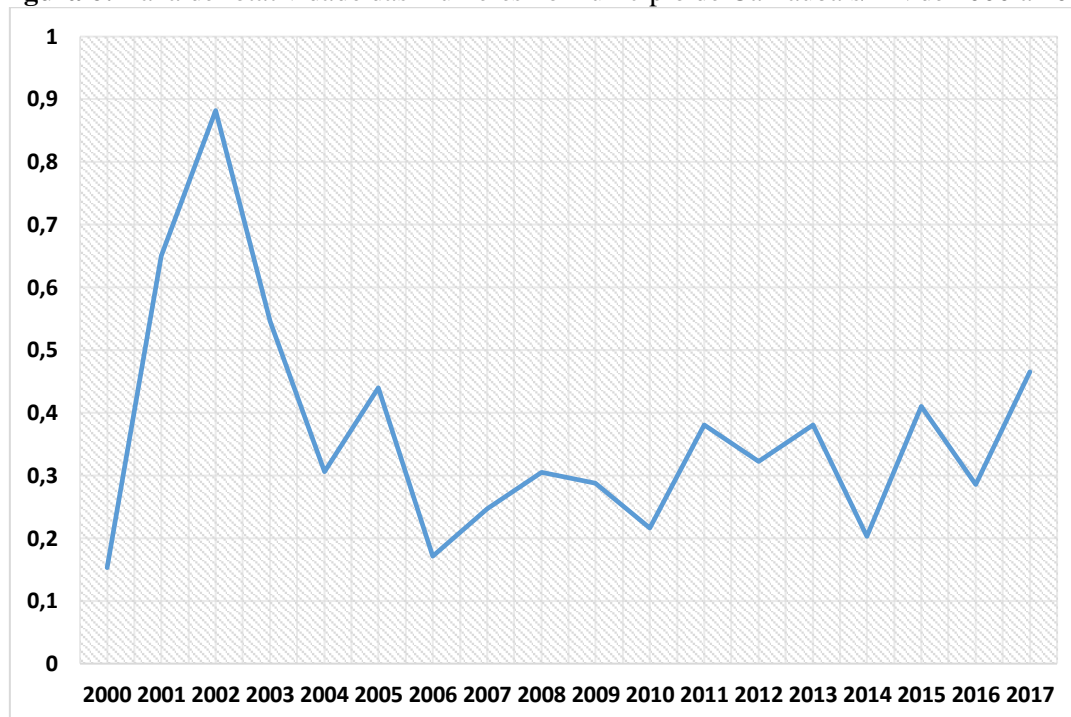
Fonte: Elaboração do autor a partir de dados do RAIS (2019)

Dentro da mesma análise os dados do (figura 6) apresentam a taxa de rotatividade da mão de obra feminina. Os dados permitem observar que a trajetória da taxa de rotatividade das mulheres segue basicamente o mesmo padrão da taxa de rotatividade masculina, mas com uma oscilação relativamente maior.

Embora tal resultado não segue a princípio a tendência nacional, onde se verifica uma taxa de rotatividade menor das mulheres em relação aos homens. Isso pode ser explicado pelos setores mais ocupados pelas mulheres que são os setores de serviços, serviços domésticos, comércio e setor público. Da mesma forma a relativa queda na rotatividade feminina pode estar ligada ainda aos setores que estas se inserem, como já explicado, e que tendem a apresentar menos desligamentos se comparados ao setor industrial e da construção civil, setores estes que contam com maior participação masculina.

Inicialmente nota-se que a taxa de rotatividade sofre um aumento bastante intenso no qual chega a 0,6% no ano de 2001 e em seu maior índice alcança 0,9% em 2002, no entanto a mesma sofre quedas seguidas de oscilações permanentes pelos anos seguintes, mas já apresenta tendência de crescimento a partir de 2010, mesma tendência da taxa de rotatividade masculina.

Figura 6: Taxa de rotatividade das mulheres no município de Carnaubais/RN de 2000 a 2017



Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados do RAIS (2019)

Assim, a análise da rotatividade da mão de obra no município de Carnaubais, permitiu observar que, em termos gerais, a taxa de rotatividade vem crescendo ao longo do período analisado, o que pode indicar que a economia do município pode estar passando por um processo de reestruturação produtiva, sobretudo nos anos mais recentes, talvez absorvendo os efeitos das oscilações econômicas verificadas nos últimos anos, com momentos de crescimento e da mesma forma de queda de seu PIB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou uma análise da taxa de rotatividade de mão de obra no município de Carnaubais/RN à medida que há uma necessidade de estudos com a finalidade de avaliar o fluxo de emprego no município, podendo também colaborar futuramente com políticas de incentivo e geração de emprego na localidade.

Em se tratando da movimentação agregada entre admitidos e desligados a diferença entre ambas não é tão expressiva, apresentando assim uma movimentação estável, essa ocorrência, porém, pode ser resultado de características próprias da economia do município como, pequeno número de empresas e a presença de setor público.

Ao que diz respeito à taxa de rotatividade geral de mão de obra no município verificou-se que a mesma apresenta um índice relativamente baixo na qual expressa exatamente o contrário do que ocorre na realidade brasileira, um resultado já esperado tendo em vista o baixo dinamismo da economia do município.

No tocante a rotatividade de mão de obra masculina apresenta-se com oscilações significativas ao longo da série analisada, onde a partir do ano de 2010 apresentou-se uma tendência de crescimento dentro do mesmo padrão da taxa a nível municipal.

Em relação à rotatividade de mão de obra feminina esta segue praticamente o mesmo modelo da taxa de rotatividade masculina, porém com oscilações mais elevadas, apesar de a trajetória da mesma não seguir inicialmente o padrão nacional em que se observa uma taxa de rotatividade menor das mulheres em relação aos homens já que os setores mais ocupados pelas mulheres tendem a apresentar menos desligamentos.

Em virtude do que foi mencionado, o presente estudo permite concluir que a taxa de rotatividade de mão de obra de Carnaubais/RN tem se elevado nos anos mais recentes, o que pode ser resultado das oscilações da economia do município, que é carente de movimentação de grandes empresas e firmas geradoras de emprego.

Ainda há uma necessidade de estudos mais amplos acerca do dinamismo do mercado de trabalho do município de Carnaubais/RN que visem, principalmente, políticas de incentivo à geração de emprego buscando impulsionar a economia local.

REFERÊNCIAS

BALTAR, Paulo. Crescimento da economia e mercado de trabalho no Brasil. Brasília: **Ipea**, 2015. 64 p. (Texto para Discussão, 2036).

CARNAUBAIS. <http://www.carnaubais.rn.gov.br/sobre-carnaubais/historia>. Acesso em: 02/05/2019.

CHAHAD, José Paulo Zeetano. Tendências recentes no mercado de trabalho: pesquisa de emprego e desemprego. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.17, n.3-4, p.205-217, 2003.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. Notas sobre a evolução do mercado de trabalho no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v.25, n.1, p.113-130, 2005.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Movimentação do mercado de trabalho: rotatividade, intermediação e proteção ao emprego**. São Paulo, 2017. 105 p.

_____. **Rotatividade no Mercado de trabalho Brasileiro**. São Paulo, 2016. 140 p.

GONZAGA, Gustavo. Rotatividade e qualidade do emprego no Brasil. **Revista de Economia Política**, Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.120-140, 1998.

GONZAGA, Gustavo; PINTO, Rafael Cayres. **Rotatividade do trabalho e incentivos da legislação trabalhista**. PUC-Rio. Departamento de Economia, Rio de Janeiro, 2014.14p. (Textos para Discussão, 625)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/carnaubais/historico>. Acesso em: 02/05/2019.

LÚCIO, Clemente Ganz; DUCA, Fernando Murta Ferreira. Crise econômica e mercado de trabalho no Brasil. **Carta Social e do Trabalho**, Campinas, n.33, p.1-16, jan./jun. 2016.

NERI, Marcelo; CAMARGO, José Márcio; REIS, Maurício Cortez. **Mercado de Trabalho nos anos 90: Fatos estilizados e Interpretações**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. 36 p. (Texto para Discussão, 743).

ORELLANO, Veronica I. F.; PAZELLO, Elaine T. Evolução e determinantes da rotatividade da mão de obra nas firmas da indústria paulista na década de 1990. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, São Paulo, n.1, p.179-207, 2006.

PASSOS, Alessandro Ferreira dos; ANSILIERO, Graziela; PAIVA, Luis Henrique. Mercado de Trabalho: evolução recente e perspectivas. Brasília: IPEA, 2005. 14p. (Nota Técnica).

PAULI, Rafael Camargo de; NAKABASHI, Luciano; SAMPAIO, Armando Vaz. Mudança estrutural e mercado de trabalho no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v.32, n.3, p.459-478, 2012.

POCHMANN, Marcio. Mercado geral de trabalho: o que há de novo no Brasil? **Parcerias estratégicas**, Brasília, v.11, n.22, p.121-144, 2010.

RAMOS, Alberto Carlos e CARNEIRO, G. Francisco. Os determinantes da rotatividade do trabalho no Brasil: instituições x ciclos econômicos. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p.31-56, jul-dez. 2002.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS)
<ftp://ftp.mtpps.gov.br/pdet/microdados/RAIS/>. Acesso em 02/05/2019.

RIBEIRO, Eduardo Pontual. Fluxo de emprego, fluxo de trabalhadores e fluxo de postos de trabalho no Brasil. **Revista de Economia Política**, Rio de Janeiro, v.30, n.3, p.401-419, jul./set. 2010.

SILVA FILHO, Luis Abel da. Rotatividade no mercado de trabalho formal Brasileiro. **Laboratório de Estudos Avançados em Economia Contemporânea Aplicada**, Cariri, p.1-29, 16 out. 2018.

SILVA FILHO, Luís Abel; SANTOS, José Márcio dos. O que determina a rotatividade no mercado de trabalho brasileiro? **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v.15, n.28, p.111-121, dez. 2013.

SUMMA, Ricardo. Mercado de trabalho e a evolução dos salários no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Niterói, v.42, p.1-16, 2015.